

João Ubaldo usa da sua fina ironia para criticar o poder. Afinal, através da ironia sempre se diz o contrário do que se pensa. E confessa que uma das raras instituições sérias e respeitadas do Brasil continua a ser o jogo do bicho.

PÁGINA 6



Fotos: Divulgação

Villa popular

Um dos melhores estudos sobre a face mais popular da obra do genial compositor, "Villa-Lobos e a Música Popular Brasileira - Uma Visão sem Preconceito" está sendo relançado nacionalmente. De autoria da professora carioca Ermelinda Paz, o livro traz, além do resultado de uma detalhada pesquisa documental, revelações, análises e importantes depoimentos sobre vida e obra de um artista inquieto, capaz de trafegar com a mesma desenvoltura pela música erudita, pelo samba e pelo choro

Dalwton Moura

"O maestro Villa-Lobos, um apaixonado estudioso do riquíssimo mundo folclórico brasileiro, acaba de dar os últimos retoques aos ensaios a que vinha submetendo a enorme legião de seus auxiliares. Não há, entretanto, invenção e sim estilização de coisas muito do Brasil e do carnaval. 'Sôdade do Cordão' apresentará ao público um espetáculo de arte puramente brasileira, inspirado na bizarra concepção de estética do gênio nativista à época colonial". Assim o Correio da

Manhã de quatro de fevereiro de 1940 noticiava os preparativos do Sôdade do Cordão, para aquele carnaval carioca. O Sôdade era um grupo de foliões arregimentados por uma figura no mínimo diferente do estereótipo do sambista de morro. Ninguém menos que o maestro Heitor Villa-Lobos, autor de obras fundamentais para a definição de uma música brasileira, propriamente dita. Respeitada aqui e lá fora, pela consistência técnica e sobretudo pela inspiração e pela referência a elementos tipicamente nacionais.

Os cordões tiveram seu auge no início do século XX, decaindo a partir da década de 10, quando foram gradativamente substituídos pelos ranchos. Já na década de 40, quando o Sôdade do Cordão de Villa-Lobos saía às ruas da capital fluminense, era a vez de os ranchos darem adeus, ofuscados pelo luxo cada vez mais radiante das escolas de samba, oriundas da união de grupos e blocos. Foi exatamente quando ninguém mais se recordava dos cordões que Villa-Lobos resolveu trazer aquela manifestação de volta à cena. No enredo, como entrega o nome, uma revisão nostálgica dos antigos carnavais.

Não, nada a se estranhar. Entre partituras dos compositores eruditos europeus, Villa-Lobos já era então conhecedor de

cátedra da música popular produzida no Rio de Janeiro. Bastaria citar a aproximação corrente entre o maestro e a Estação Primeira de Mangueira. "A nossa casa era muito freqüentada por Cartola, Paulo da Portela, Ary Barroso, Carlos Cachaca e Villa-Lobos", lembra Wilson Gomes da Costa, filho do lendário José Gomes da Costa, o Pai Alufá, mais conhecido por Zé Espinguela, veterano dos velhos cordões cariocas. Sob a batuta de Villa-Lobos, em torno dos quais se uniram novatos e veteranos, o Sôdade do Cordão foi o grande acontecimento do carnaval de 1940.

Essas e outras passagens bem populares da trajetória do maior compositor erudito brasileiro são esquadrihadas pela musicista, professora e escritora carioca Ermelinda Paz, em "Villa-Lobos e a Música Popular Brasileira - Uma Visão sem Preconceito", resultado de um trabalho de pesquisa originalmente empreendido em 1986, para um concurso de monografias. Agora, o livro está sendo reeditado nacionalmente, com patrocínio da Eletrobrás, trazendo, além de uma nova oportunidade para se conhecer um trabalho referencial, acréscimos como detalhes do enredo dedicado em 1999, pela Mocidade Independente de Padre Miguel, ao autor do "Trenzinho Caipira".

Continua nas páginas 4 e 5

HEITOR VILLA-LOBOS (1887-1959), o compositor brasileiro mais respeitado mundo afora, teve também amplo contato com a música popular

Promoção Imperdível

SPLIT BABY LG
5.800 Btu's

A mais completa loja em Ar Condicionado e Eletrodomésticos

KEY 007 PHILIPS • CÂMERA DIGITAL (MEMÓRIA PORTÁTIL)
R\$ 490,00 à vista ou 1 + 4 R\$ 109,00 (no cheque)

R\$ 1.299,00 ou 1+9 R\$ 142,00

AV. DESEMBARGADOR MOREIRA, 1602 - LOJA 02 - (ESQ. C/ PE. ANE TOMÁS) - 268.2815 / 244.1719

Patrocínio: TELEMAN

Coordenação:

Apos: [Logos]

Realização: [Logos]

Uma esposa feliz...
Um marido amoroso...
Elizabeth Savalla é **Friziléia**
Uma mulher à beira de um ataque de nervos.
Uma sogra adorável...
Um alter-ego devasso!

Texto de Camilo Athila e Luis Campelo
Direção Luis Arthur Nunes

Theatro José de Alencar
Dias 18, 19 - Sexta e Sábado 21 h
Dia 20 domingo 20 h

Informações:
452.1581
452.1590

Os Brasas

Apresenta TODA TERÇA

INFORMAÇÕES:
Av. Santos Dumont, 6061 234.497



Pela música

Continuação da matéria de capa

Além da pesquisa e da análise do contato de Villa-Lobos com a música popular, o livro traz depoimentos de figuras como Dorival Caymmi, Pixinguinha, Vicente Celestino, João Pernambuco, Donga e Cartola. E também vezes mais recentes, como Edu Lobo, Nana Caymmi, Wagner Tiso, Magro do MPB-4, Gilson Peranzetta e Egberto Gismonti. O volume oferece ainda um guia dos músicos populares que gravaram obras de Villa-Lobos, bem como anexos interessantes e até inusitados. Entre eles, autógrafos, partituras, fac-símiles de jornais e mesmo cartas de Villa-Lobos para seu maior mecenas, Carlos Guinle, em que o compositor detalha as despesas realizadas para sua manutenção em Paris. Vestígios da intimidade de um gênio da música.

Autora de dois outros trabalhos sobre Villa-Lobos - em suas vertentes de educador e de arregimentador do "Sódade do Cordão", a carioca criada no Realengo disponibiliza essas obras, hoje fora de catálogo, para download gratuito na Internet. em: <http://www.unisys.com.br/~ermepaz/>. Contatos com a autora podem ser feitos por ermepaz@unisys.com.br.

A seguir, você confere a entrevista que Ermelinda Paz concedeu, por telefone, ao Caderno 3. Com a propriedade de quem se lançou a uma pesquisa minuciosa, a professora da UFRJ tece reflexões acerca da vertente mais popular de Villa-Lobos - e de como essa sua faceta se encontra ainda hoje imersa em uma visão preconceituosa. Questionando a real importância que teriam tido para o compositor as viagens pelo interior do Brasil e mesmo pela Europa, Ermelinda sustenta que o músico desde cedo carregava em si uma produção diferenciada. Forque singularmente brasileira.

Caderno 3 - Percebe-se no livro um entusiasmo pela obra de Villa-Lobos que vai além do tom mais formal que normalmente se esperaria de um trabalho acadêmico. É isso mesmo? Como foi conciliar essa aproximação afetiva com o olhar da pesquisadora?

Ermelinda Paz - Há muito entusiasmo sim. Tenho total entusiasmo com tudo que diz respeito a resgate da cultura brasileira. E acho que parte da trajetória de Villa-Lobos é relegada a esquecimento por conta do envolvimento dele com a ditadura (de Getúlio Vargas), com que ele se envolveu não para servir, mas porque ele acreditava na importância de educar o povo através da música. Mas Carlos Drummond de Andrade era chefe de gabinete de ministro de Getúlio, Manuel Bandeira, Oscar Niemeyer, Lúcio Costa, estavam todos lá. E só de Villa-Lobos cobram essa ligação com o regime militar. Esse livro foi feito de 86 pra 87, pra um concurso de monografias promovido pelo Museu Villa-Lobos, no ano do centenário do maestro. Até então eu me considerava expert, mas quando deparei com esse concurso fiquei abismada com minha total ignorância. Porque o tema era "Villa-Lobos e a música popular", Cartola, a Manguieira, a Frota da Vizinhança e todos os músicos populares que revisitaram Villa. Fiquei perplexa, por-

que vários daqueles assuntos eu desconhecia. E não havia bibliografia, apenas um artigo do Herminio Bello de Carvalho, que só depois lançou um livro sobre Villa-Lobos ("O Canto do Pajé", de 1987).

- Então qual foi o caminho tomado para a pesquisa?

Ermelinda - Essa falta de referências me deu muito medo, da responsabilidade. Daí comecei a procurar. Visitei todos os departamentos de pesquisa dos jornais do Rio, de modo a levantar material de periódicos da época. Fiz buscas no Museu da Imagem e do Som do Rio e na Biblioteca Nacional, onde levantei, por exemplo, uma música escrita por Sinhô, nunca editada, em homenagem a Villa. Mas mesmo essa peregrinação pelos arquivos foi insuficiente. Então comecei toda a rotação atrás de pessoas que conviviam com Villa. Gravei entrevistas, algumas bem grandes, com Herivelto Martins, os Caymmi, Paulo Tapajós, enfim, fui atrás de todos que poderiam me falar um pouco do seu contato com Villa. E fui também atrás da família Guinle, porque Carlos Eduardo Guinle foi sem dúvida o grande mecenas de Villa-Lobos, que praticamente subsidiou a primeira ida de Villa à Europa. Fui tomando depoimentos, as pessoas me passando documentos. Dorival, por exemplo, me deu uma coisa guardada como um tesouro: um autógrafo de Villa-Lobos pra ele. Entre outros, ouvi o carnavalesco (da Manguieira) João Matos, que fez o carnaval de 60 em homenagem a Villa e me mostrou a seriedade como o desfile foi feito, como a vida de Villa-Lobos foi contada em cada ala. Tive acesso a depoimentos como o de Dona Zica (da Manguieira, esposa de Cartola), que se impressionava com o modo como um homem da importância de Villa-Lobos chegava ao morto, no buraco quente, afrouxava a gravata e ficava horas ouvindo Cartola tocar. Villa-Lobos ajudou muito Cartola, o tioru da cadeia várias vezes. Cartola tocava violão muito bem, mas não sabia afinar o instrumento. E Villa lhe ensinou.

- Por que se justifica no livro o subtítulo "Uma visão sem preconceito"?

Ermelinda - Vi que havia gravações e mais gravações sobre Villa-Lobos, livros e mais livros, no mundo inteiro, sempre o tratando como um dos grandes nomes da música erudita universal, mas apenas um artigo no Brasil falando da sua atuação na música popular. E me perguntei se isso decorria de um preconceito com a música popular, com o seu cho-

res. Depois, à medida que penetrei no universo dele, vi que não é bem preconceito, mas talvez esquecimento ou desconhecimento dessa visão importante de Villa-Lobos. Tanto é que há continas gravações de Villa por músicos populares, de orquestras de música caipira a Eliana Pittmonti, Wagner Tiso a Egberto Gismonti. Músicos de todas as correntes estéticas brasileiras. Das "Bachianas Brasileiras Nº 2", a tocatá "Trenzinho Caipira" tem inúmeras gravações.

- Muito já se escreveu sobre as influências absorvidas por Villa-Lobos em suas viagens pelo interior do Brasil. Quanto há de realidade, quanto há de mistificação nessa associação tão recorrente?

Ermelinda - Toda vez que alguém me faz uma pergunta sobre essas viagens, falo que na pesquisa procurei não dar tanta importância a isso. Porque Villa gostava muito de brincar com essas coisas, números, datas, informações... Até o local e a data de nascimento dele geraram controvérsias, esclarecidas depois de anos e anos. Ele não tinha muito compromisso com a veracidade das coisas. Quando fiz esse trabalho, eu morava na rua São Salvador, em Laranjeiras (bairro carioca), perpendicular à Ipiranga, onde os estudiosos dizem que Villa-Lobos nasceu. Eu passava ali todo dia, pensando onde exatamente ele teria nascido. Mas não há confirmação. Será que não foi mais uma das comédias de Villa? Então, pude perceber que essas viagens dele pelo Brasil eram coisas não muito palpáveis. Que ele viajou, viamos. Mas não se sabe com certeza onde ele ficou, de quando a quando. Cada vez se descobre uma faceta nova da vida do mestre, que coloca uma discussão em torno da veracidade dessas viagens. Ele sem dúvida colocou em sua obra o Brasil sonoro. Mas não se pode deduzir muito além disso. Há que se ter cuidado sobre esse ponto. Nessa mesma linha, o escritor Erico Veríssimo, que era o intérprete de

Villa-Lobos na Europa, registrou que várias vezes o Villa o deixou em situação de galhofa, respondendo às pessoas com coisas terríveis, que Erico não poderia traduzir. Há um quê de uma irreverência. Outro exemplo sabido é que ele alterava as datas das próprias óperas, conforme as achava mais vanguardistas ou mais tradicionais.

- Em que medida a tese da busca de uma música genuinamente brasileira, de Villa-Lobos, sofreu

influência de compositores nacionalistas da geração anterior à dele, como o cearense Alberto Nepomuceno?

Ermelinda - Penso que Villa-Lobos não foi muito por esse caminho. Procurei fazer um estudo da obra de Villa entre os grandes mestres do Instituto Nacional de Música, mas ele ficou pouco tempo lá. Não conseguiu conviver com aquela vida acadêmica. Ainda que tenha conhecimentos formais de música. A primeira mulher dele, Lucília, foi uma grande pianista. Mas Villa não ficou muito tempo no Instituto, daí não haver referências a importância, para ele, dos grandes mestres da música nacionalista, como Alberto Nepomuceno.

- Entre um trabalho em composição considerado de vanguarda e as dificuldades materiais para sobreviver e dar continuidade à sua obra, Villa-Lobos sofreu para afirmar-se no seu próprio berço, o Rio de Janeiro. Como era a relação dele com os críticos musicais e os demais músicos da sua época?

Ermelinda - Dos críticos, Oscar Guanabara foi o mais ferrenho. Dizia que Villa escrevia cacofonias, ruídos. Acreditou que Villa nunca se importou muito com o que se dizia da obra dele, tinha plena certeza que ele seria entendido no futuro. Dá a frase famosa, "Faço música como quem escreve cartas à posteridade, sem esperar resposta". Villa-Lobos é muito moderno, vai ser entendido daqui a 200 anos. Na



brasileira



PARTE DA trajetória de Villa-Lobos é relegado ao esquecimento por sua ligação com a ditadura de Getúlio Vargas

poça, alguns o chamavam de modernista, mas não muito. Villa-Lobos não ficou muito tempo no Instituto, daí não haver referências a importância, para ele, dos grandes mestres da música nacionalista, como Alberto Nepomuceno.

- Como ele se relacionava com os críticos musicais e os demais músicos da sua época?

Ermelinda - Dos críticos, Oscar Guanabara foi o mais ferrenho. Dizia que Villa escrevia cacofonias, ruídos. Acreditou que Villa nunca se importou muito com o que se dizia da obra dele, tinha plena certeza que ele seria entendido no futuro. Dá a frase famosa, "Faço música como quem escreve cartas à posteridade, sem esperar resposta". Villa-Lobos é muito moderno, vai ser entendido daqui a 200 anos. Na

poça, alguns o chamavam de modernista, mas não muito. Villa-Lobos não ficou muito tempo no Instituto, daí não haver referências a importância, para ele, dos grandes mestres da música nacionalista, como Alberto Nepomuceno.

- Como ele se relacionava com os críticos musicais e os demais músicos da sua época?

Ermelinda - Dos críticos, Oscar Guanabara foi o mais ferrenho. Dizia que Villa escrevia cacofonias, ruídos. Acreditou que Villa nunca se importou muito com o que se dizia da obra dele, tinha plena certeza que ele seria entendido no futuro. Dá a frase famosa, "Faço música como quem escreve cartas à posteridade, sem esperar resposta". Villa-Lobos é muito moderno, vai ser entendido daqui a 200 anos. Na

poça, alguns o chamavam de modernista, mas não muito. Villa-Lobos não ficou muito tempo no Instituto, daí não haver referências a importância, para ele, dos grandes mestres da música nacionalista, como Alberto Nepomuceno.

- Como ele se relacionava com os críticos musicais e os demais músicos da sua época?

Ermelinda - Dos críticos, Oscar Guanabara foi o mais ferrenho. Dizia que Villa escrevia cacofonias, ruídos. Acreditou que Villa nunca se importou muito com o que se dizia da obra dele, tinha plena certeza que ele seria entendido no futuro. Dá a frase famosa, "Faço música como quem escreve cartas à posteridade, sem esperar resposta". Villa-Lobos é muito moderno, vai ser entendido daqui a 200 anos. Na

poça, alguns o chamavam de modernista, mas não muito. Villa-Lobos não ficou muito tempo no Instituto, daí não haver referências a importância, para ele, dos grandes mestres da música nacionalista, como Alberto Nepomuceno.

- Como ele se relacionava com os críticos musicais e os demais músicos da sua época?

Ermelinda - Dos críticos, Oscar Guanabara foi o mais ferrenho. Dizia que Villa escrevia cacofonias, ruídos. Acreditou que Villa nunca se importou muito com o que se dizia da obra dele, tinha plena certeza que ele seria entendido no futuro. Dá a frase famosa, "Faço música como quem escreve cartas à posteridade, sem esperar resposta". Villa-Lobos é muito moderno, vai ser entendido daqui a 200 anos. Na

compor músicas brasileiras. A senhora concorda com essa visão?

Ermelinda - Não concordo. Villa, quando foi pra Semana de 22, já foi pronto. Se a gente olhar mesmo a obra inicial dele, já há um retrato sonoro do Brasil ali.

- Os vários elementos brasileiros presentes na obra de Villa-Lobos não corria o risco de personificar um estereótipo, aparecer aos olhos do europeu como uma espécie de portador da música exótica de um país tropical distante?

Ermelinda - Realmente, boa parte da obra dele é bem brasileira. Outra parte é bem universal. Mas mesmo as coisas mais impressionistas, mais universais, acho que têm um verde e amarelo. A obra dele está toda ela embasada na sonoridade brasileira. Ele faz uso substancial da música brasileira, das cirandas, dos cantos da infância, com um tratamento composicional mais avançado. Nas "Bachianas", por exemplo, você percebe ali uma baixaria de um violão, uma sonoridade do choro. E na grande obra, por meu gosto, minha preferida, que é o "Choros Nº 10", ele eterniza o "Rasga Coração", de Anacleto de Medeiros e Catulo da Paixão Cearense, e usa ainda cantos indígenas colhidos por Roquette Pinto, sem deixar de colocar a própria veze dele na obra. Então, vai chegando um ponto em que a música dele deixa de ser nacional pra ser universal. Até então o europeu conhecia muito em Stravinski o uso do folclore. Mas Villa nunca copiou Stravinski. Ele fez o que todo mundo fazia: valorizar o folclore do seu país, como Bach e Beethoven fizeram também.

- Como a senhora afirma no livro, Villa-Lobos teve uma notória aproximação com o choro e com o samba, principalmente na Manguieira e no "Sódade do Cordão". Mas, em contrapartida, o povo de fato tinha condições de conhecer e compreender a música de Villa-Lobos?

Ermelinda - Acho que o povo compreendia sim, apesar dos depoimentos de Pixinguinha e de Donga, falando que Villa às vezes

tocava difícil, no sentido de complicado. Mas vários entrevistados, como Aloisio Dias, da Velha Guarda da Manguieira, falavam da simplicidade dele, que Villa gostava muito de estar nos saraus, entre eles. Villa teria confiado que ia aos saraus pra se imbuir daquele clima, e usar aquilo na música dele. Em contrapartida, acho que Villa era, sim, entendido pelo povo. Uma das grandes certezas disso é que ele foi levado duas vezes pra avenida, como enredo da Manguieira (em 1964) e da Mocidade (em 1999). Ele não saía da Manguieira, levava lá todos os grandes compositores estrangeiros que vinham ao Brasil. Mário Lago afirmou ter visto Villa e (Arthur) Roubenstein fantasiados de banianos no carnaval.

- Considerando que o violão era um instrumento visto com bastante reservas pelos músicos eruditos, como era a relação de Villa-Lobos com o violão?

Ermelinda - Villa-Lobos tocava violão, inclusive o MIS do Rio remasterizou alguns LPs com o próprio Villa tocando. Ele tocava e tinha uma grande destreza no violão, tocava bem e compunha obras de difícil execução. Mas não são apenas as obras dele pra violão que são difíceis. Uma das razões de a obra dele não ser tão tocada é a grande dificuldade técnica. As obras para piano requerem grande entendimento de música e horas de estudo. Só pra ter uma idéia, o "Choros No. 10" a última vez que ouvi no Rio já tem mais de 20 anos. É extremamente difícil. O que ocorre então? A maior parte das orquestras toca o que já está preparado. Beethoven, Mozart, relegando as obras de autores nacionais a segundo plano. Por quê? As vezes porque falta partitura, demanda tempo de estudo, aumentam os custos de produção de concertos. Hoje uma orquestra ensaia duas, três vezes, pra ter que tocar uma obra diferente demanda mais tempo de ensaio, mais dinheiro. Não é um problema só da obra de Villa, mas da música do século XX como um todo.

- Isso pode fazer com que a obra de Villa-Lobos, ou a maior parte dela, seja condenada ao esquecimento?

Ermelinda - Acho que a obra



ERMELINDA PAZ: "Ele reclamava da influência do jazz"

de Villa pra violão, violoncelo e algumas pra coral vieram pra ficar e vão continuar. Não acredito que alguém faça um bacharelado em violão sem passar por Villa-Lobos. Certas obras já estão incorporadas à vida, e já foram canções. O que pode ficar relegado ao esquecimento são as obras mais difíceis, de grande envergadura, que dependem de muito trabalho, investimento e conhecimento. É uma questão também de vontade política. Muitos outros grandes nomes não são lembrados, como Alberto Nepomuceno, Lourenço Fernandes, Glauco Velasquez... Hoje me ressoo muito da falta de música erudita brasileira. Nas leis de incentivo à cultura, deveria haver cobrança de percentual de música brasileira. É preciso divulgar essa música aqui e no exterior. É preciso que voltem os programas de música erudita na TV aberta. Villa não queria formar músicos, e sim plateias.

- Pra concluir, como foi que Villa-Lobos acompanhou manifestações populares como a era de ouro do rádio, os grandes cantores do vovôzão, o samba-canção, o samba de morro e, no final da vida, a bossa nova que começava a tomar forma?

Ermelinda - Ele não perdia. Ouvia tudo da Rádio Nacional, a grande rádio da época: E comentava com os músicos, fazia sugestões, apontava erros. Reclamava da influência do jazz, de "acordes



VILLA-LOBOS

SERVICO Villa-Lobos e a Música Popular Brasileira - Uma Visão Sem Preconceito. Reedição do livro de Ermelinda Paz, com prefácio do Paulo Sérgio, pelo IUPERJ. 160 páginas, com ilustrações e anexos. R\$ 35,00.

MAIS DE 15 MILHÃO DE PESSOAS JÁ ASSISTIRAM. NÃO PERCA!

HARRY POTTER E A PÊLOUGRA

EM EXIBIÇÃO NOS CINEMAS

Agora numa grande loja na Av. Pontes Vieira, próximo à Assembleia Legislativa, Circo Mágico Botshoi

* Terça à Sexta - 20:30h
* Sábado - 17h e 20:30h
* Domingos e Feriados 16h, 18h e 20:30h

Magico ganhador do Festival de São Petersburgo Magico Mafir

Show da Bambolas de Moscou Youlia Simonava

Promoção: SVM, Coordenação: FUNDACAO, Apoio: COLETA, NEST, LOFT, Eradito de Aleazar COIFFEUR, Informações: 261.0685